

IDEIA PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: A DISCIPLINA DE FILOSOFIA AMERÍNDIA COM GRADUANDOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

José Roberto Gomes¹

Hoziete Ferraz Lopes²

Larissa Monteiro Cruz³

Mariane Nogueira da Gama⁴

Tainara Prestes Valtierre⁵

Resumo

O objetivo deste artigo é expor as experiências que os discentes tiveram ao cursarem a disciplina de Filosofia Ameríndia na Universidade Federal do Amazonas no campus de Humaitá – AM. A disciplina, ofertada pelo curso de Pedagogia no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, foi elaborada como sugestão do Grupo Arandu de Estudos e Pesquisas em Filosofia em vista de problematizar o pensamento e as cosmologias indígenas em suas dimensões do saber. Além disso, buscou promover o encontro entre questões teóricas acadêmicas com as compreensões de mundo ameríndias. Os autores escolhidos foram os filósofos e autores indígenas Ailton Krenak, Célia Xakriabá, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa, Eliane Potiguara, Gerssem Baniwa, Linda Tuhawi Smith, entre outros. Dentre esses, destacamos a escrita de Ailton Krenak em sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, que permitiu discutir temas com convidadas e convidados, com base na fala de Krenak sobre a capacidade crítica de construir paraquedas coloridos que nos ajude a ter diferentes cosmovisões, e perceber que na Filosofia Ameríndia há uma potência do filosofar que não tem apenas um sentido. Desse modo, com base no que foi vivenciado, lido e visto na disciplina, os discentes constroem paraquedas coloridos contando também suas histórias e, assim, contribuem com essas histórias para adiar o fim do mundo.

Palavras chave: Fim do mundo. Adiar. Histórias. Filosofia Ameríndia.

IDEA TO POSTPONE THE END OF THE WORLD: THE SUBJECT OF AMERINDIAN PHILOSOPHY WITH GRADUATES FROM THE INSTITUTE OF

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. Docente e Líder do Grupo Arandu de estudos e pesquisa em Filosofia na Universidade Federal do Amazonas, no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente em Humaitá – AM. robertogomes@ufam.edu.br

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas. hozieteferraz07@gmail.com

³ Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Amazonas. larissamonteiro.1909@gmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas. marianenogueira12@gmail.com

⁵ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas. prestestainara97@gmail.com

EDUCATION, AGRICULTURE AND ENVIRONMENT OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF AMAZONAS

Resumen

The objective of this article is to expose the experiences that students had when they studied the Amerindian Philosophy discipline at the Federal University of Amazonas on the Humaitá – AM campus. The subject, offered by the Pedagogy course at the Institute of Education, Agriculture and Environment – IEAA, was prepared as a suggestion by the Arandu Group of Studies and Research in Philosophy with a view to problematizing indigenous thought and cosmologies in their dimensions of knowledge in order to promote the encounter between academic theoretical issues and Amerindian understandings of the world. The authors chosen were philosophers and indigenous authors such as Ailton Krenak, Célia Xakriabá, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa, Eliane Potiguara, Gersem Baniwa, Linda Tuhawi Smith, among others. Among these, we highlight the writing of Ailton Krenak in his work Ideas to postpone the end of the world, which allowed us to discuss topics with guests, based on Krenak's speech about the critical capacity of building colored parachutes that help us to have different worldviews, and realize that in Amerindian Philosophy there is a power of philosophizing that does not have just one meaning. In this way, based on what was experienced, read and seen in the discipline, students build colorful parachutes also telling their stories and, thus, contribute with these stories to postpone the end of the world.

Keywords: End of the world. To postpone. Stories. Amerindian Philosophy.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta descrever as experiências dos discentes de graduação do IEAA ao cursarem a disciplina de Filosofia Ameríndia na Universidade Federal do Amazonas - Campus Humaitá/AM. A disciplina, ofertada pelo curso de Pedagogia no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, foi elaborada como sugestão do Grupo Arandu de Estudos e Pesquisas em Filosofia em vista de problematizar o pensamento e as cosmologias indígenas em suas dimensões do saber. Além disso, buscou promover o encontro entre questões teórica-acadêmicas com as compreensões de mundo ameríndias, salientando a carência de debates sobre a filosofia indígena no currículo básico de ensino, desconstruindo mitos acerca da produção do conhecimento filosófico e descolonizando o pensamento hegemônico da filosofia ocidental.

Para tanto, compreendeu-se a necessidade de marcar território neste campo do saber dentro da academia, uma vez que as discussões em torno da Filosofia

sempre ocorrem numa perspectiva eurocêntrica, ou estadunidense, como se o saber indígena que se encontra na América Latina e no Brasil, mais especificamente, não fosse possível ou fosse duvidoso por escapar dos polos de conhecimento já estabelecidos. Por isso, a disciplina de Filosofia Ameríndia, ministrada no período de 2023.1, nos permitiu compreender, na perspectiva indígena, o “fazer filosofia” como experiência de pensamento, isto é, procurou-se experimentar o pensamento como fazer filosófico nascido das vivências dos povos indígenas.

Nesse sentido, a disciplina procurou conhecer os aspectos fundamentais da filosofia ameríndia: corpo-território, noção de gente, perspectivismo, xamanismo, multinaturalismo, predação, cosmologia e mitologia, parentesco, hierarquia e aliança. Ainda, mostrou em que consiste o conceito de Bem Viver na cosmovisão de comunidades tradicionais que se organizam a partir do coletivo; refletiu sobre o conceito de ancestralidade; discutiu o conceito ocidental de arte através das artes indígenas; e propiciou aos estudantes de licenciatura o acesso ao filosofar ameríndio.

Como base, os autores escolhidos foram os filósofos e autores indígenas Ailton Krenak, Célia Xakriabá, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa, Eliane Potiguara, Gerssem Baniwa, Linda Tuhiwai Smith, entre outros. Dentre esses, destacamos a escrita de Ailton Krenak em sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, que permitiu discutir temas com convidadas e convidados. As discussões giraram em torno da ideia de Krenak sobre a capacidade crítica de construir paraquedas coloridos que nos ajude a ter diferentes cosmovisões e perceber que, na Filosofia Ameríndia, há uma potência do filosofar que não tem apenas um sentido, mas que, com as diferentes perspectivas, é possível contar outras histórias que adiem o fim do mundo (KRENAK, 2020, p. 27).

Desse modo, apropriando-nos da máxima proposta por Ailton Krenak e intitulamos as palestras que ocorreram na disciplina, no sentido de como podemos adiar o fim do mundo a partir de uma determinada perspectiva, e construímos outros paraquedas coloridos com as histórias trazidas, fazendo uma experiência filosófica de pensamento. Tivemos as seguintes palestras: O mito Kamayurá: ideia para adiar

o fim do mundo, contada pelo prof. Gilfranco Lucena; O corpo-território Munduruku: ideia para adiar o fim do mundo, contada pela profa. Danielle Munduruku; A experiência com as mulheres Kaxarari na organização de sua Associação: ideia para adiar o fim do mundo, contada pela prof. Maria das Graças (Gracinha). Todos esses momentos foram vivenciados pelos discentes, também abertos à comunidade externa como forma de amplificar o saber filosófico ameríndio.

Além dessas participações, solicitamos que os nossos discentes pudessem contar também suas histórias com base no que foi vivenciado, lido e visto na disciplina, e, desse modo, contribuir com seus paraquedas em forma de história de como adiar o fim do mundo. Por isso, contamos as histórias a seguir.

UMA HISTÓRIA CONTADA POR MEU PAI

Ideias para Adiar o Fim do Mundo é um livro do escritor e líder indígena Ailton Krenak. Publicado em 2020, a obra apresenta uma crítica ao modelo de sociedade ocidental e a sua relação com o meio ambiente, além de propor alternativas para adiar o colapso ambiental iminente.

No livro, Krenak discute como a sociedade moderna, pautada no consumo desenfreado e na busca incessante pelo lucro, está levando a humanidade e o planeta à beira do colapso. O autor critica a ideia de progresso e desenvolvimento econômico, defendendo que esse modelo está destruindo a natureza e levando à extinção de diversas espécies. Além disso, também aborda a experiência indígena, usando sua experiência como líder da etnia Krenak para destacar a importância dos povos tradicionais no cuidado e preservação do meio ambiente. Ele ressalta a sabedoria e os conhecimentos dessas comunidades, que vivem em harmonia com a natureza há séculos, e propõe uma reflexão sobre a importância de ouvir e aprender com esses povos.

O autor também discute a importância do resgate da cultura e da língua indígena, afirmando que a identidade e a memória desses povos são fundamentais para a preservação da biodiversidade e a construção de um futuro mais sustentável. Portanto, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2020), é uma obra que convida o leitor

a refletir sobre seu papel no mundo e a repensar seus valores e comportamentos. Ailton Krenak nos alerta para a urgência de uma mudança de paradigma, em que seja priorizada a preservação e o respeito à natureza, promovendo assim um futuro melhor para todos os seres vivos.

Nesse sentido, a separação das pessoas da mãe Terra é um processo de abstração civilizatória, na qual o consumo as leva ao impedimento de viver a verdadeira cidadania. É justamente isso que está criando falta de sentido na vida, retirando o prazer de viver, de dançar e de cantar, o que transformou a humanidade em “humanidade zumbi”. Por isso, Krenak afirma que conversar com as pessoas é “contar mais uma história”, para adiar o fim do mundo.

O autor diz que os antepassados indígenas usaram a criatividade e a poesia para resistir à barbaridade da civilização, à integração para entrar no “clube da humanidade”. Com isso, conseguiram adiar o fim do mundo, com estratégias de resistência continuada e hoje sobrevivem 250 etnias com 150 línguas que vêm resistindo ao tempo. São pessoas que continuam lutando para ter o direito de ser e de viver de modo diferenciado. Essa é uma resistência ao processo de homogeneização proposta pelo branco “civilizado” e nos lembra que os povos indígenas resistiram desde o período da colonização à destruição, e que continuam resistindo aos processos de ocupação e destruição que ainda sofrem, até o presente momento.

É contando histórias como fazem os indígenas por todo esse tempo que passo a contar uma história contada por meu pai:

Todos os dias, meu pai deitava numa rede, no relógio marcava 19:25. Chamava os filhos e pedia para que se deitassem no assoalho da sala que naquele momento contaria uma história. Todos já estavam de barriga cheia. No interior é assim, a janta era cedo por causa das carapanãs que, ao anoitecer, já começavam a cantarolar nos nossos ouvidos.

Muitas vezes as histórias eram de arrepiar, nos causavam muito medo. Mas, depois de um tempo, percebi que essas histórias macabras só eram contadas por



eles quando meus irmãos aprontavam alguma coisa que não agradava ele ou a mamãe. Essa que vou contar era uma das melhores que ela tinha em seu repertório.

Nossa casa ficava bastante afastada das outras da vizinhança, pois o terreno no sítio era bem grande. E lá no interior não se tem ruas para andar de um lado para o outro. Lá temos os caminhos. E perto da nossa casa tinha uma torre alta. Onde o caminho passava pelo lado dela. Os antigos diziam que nessa torre havia um tesouro escondido que era uma caixa grande cheia de ouro. E também falavam que durante os dias de lua cheia, quando o reflexo dava na torre, ela brilhava. Confirmando que ali realmente tinha algo valioso. E nesta noite, meu pai nos contou a história desse tesouro que ninguém conseguia descobrir. Segundo ele, havia uma visagem que não deixava morador nenhum encontrar. E se algum se atrevesse a insistir na busca, a visagem de cabelos cor de fogo, vestes brancas e sem rosto, ficava perturbando o sono e a pessoa tinha pesadelos pelo resto da vida.

Mas um dia, meu tio, irmão dele, de tanto ouvir os seus pais contarem a história, resolveu enfrentar a visagem para saber se realmente ali naquele local havia um tesouro. Entusiasmado falou:

— Vou esperar chegar a Lua cheia para saber de onde o reflexo brilhante sai e encontrar esse tesouro!

Minha avó disse a ele:

— Rapaz, tome cuidado. Com visagem não se brinca.

Mas ele, todo empolgado, respondeu para ela:

— Não se preocupe! Quando eu ficar rico, vamos ter uma vida diferente.

E assim se passaram os dias, até que a Lua cheia chegou. Mas, por coincidência do destino, ele ficou com uma febre muito forte que não conseguia nem levantar de sua rede. Diz meu pai que minha avó dizia que aquilo era “coisa ruim” da visagem aprontado para meu tio não encontrar o tesouro.

Meu avô, que acreditava muito nas histórias, concordava dizendo:

— Meu filho, está vendo o que aconteceu com você. Ontem mesmo estava bom, hoje que a Lua vai aparecer cheia você amanhece doente. Só pode ser coisa da visagem!



Mas, ele dizia:

— Que nada! Isso é besteira. Assim que eu conseguir me levantar dessa rede vou lá ver esse tesouro.

Mas, conforme os dias iam passando, ele não melhorava. Minha avó preocupada dizia:

— Não sei mais o que fazer para que essa febre passe de você.

E ele sempre com sorriso no rosto respondia:

— Não se preocupe minha mãe. Já já estarei melhor.

E na última noite de lua cheia, ao amanhecer, meu tio acordou muito bem de saúde, como se nada tivesse acontecido com ele. Todos ficaram alegres e pensavam que tiraria a ideia da cabeça. Mas, nada disso aconteceu. Logo no café da manhã ele falou para todos.

— Assim que a próxima Lua cheia chegar, estarei pronto para localizar o tesouro.

Minha avó olhou para meu avô e balançou a cabeça como se dissesse não. Os dois não duvidavam de nada do que era contado nessas histórias, pois como dizia a minha avó: “se tem história é porque um dia de fato aconteceu”.

E lá se passaram muitos meses até a Lua cheia chegar novamente. Todos já haviam até esquecido que meu tio tinha dito que não ia desistir. E não desisti mesmo. Quando a Lua cheia estava prestes a chegar, meu tio comentou durante o jantar que na noite que iria chegar, ia ficar de espreita esperando o ponto alto da lua iluminar a torre para descobrir onde estava escondido o Tesouro. Mas como da outra vez, meu tio amanheceu muito ruim. Uma moleza no corpo, fraqueza e, como diziam lá no interior, uma *morrinha* muito forte.

Minha avó preocupada falou:

— Desiste disso rapaz, não vamos brincar com esse tipo de coisa!

E todos ao seu redor aconselhavam para que ele desistisse da ideia de encontrar o Tesouro que a visagem protegia. Mas, ele determinado disse que assim que melhorasse ia encontrar o tesouro.



Mas como da outra vez, ele ficou doente todo o período da Lua cheia. Minha vó até ficou feliz porque não queria que ele se metesse com esse tipo de coisa e, como ela sempre dizia, com coisas de outro mundo não se deve brincar.

E lá se passaram mais outros meses sem o meu tio conseguir localizar o tesouro e sempre diziam para ele desistir, porque o fato dele ficar doente somente na Lua cheia era a visagem tentando alertá-lo para que ele não a enfrentasse. Pois, algo de pior poderia acontecer. Mas como meu tio era cabeça dura, não ligava muito para o que os outros falavam e nada do que diziam fazia com que ele mudasse de ideia. Sua resposta a tudo que lhe diziam permanecia a mesma.

— Não vou desistir, agora é questão de honra encontrar esse tesouro!

Novamente chegou o período de Lua cheia e o meu tio entusiasmado já estava contando os dias para esse momento chegar. Só que dessa vez ele não amanheceu ruim e todos ficaram impressionados porque das vezes anteriores quando chegava a Lua cheia ele amanhecia ruim e não conseguia nem se levantar.

Todo contente, exclamou:

— É hoje que eu descubro onde ele está!

Ao anoitecer, ele jantou, se arrumou e foi pelo caminho. Chegou próximo à torre e ficou à espreita esperando a Lua chegar no ponto alto para que seu reflexo mostrasse onde estava o tão sonhado tesouro.

Mas, quando a Lua estava no seu ponto mais alto, veio uma nuvem e a encobriu, não deixando que o seu reflexo pairasse sobre a torre. E então meu tio furioso disse:

— Hoje você se escondeu de mim, mas amanhã eu voltarei!

E no dia seguinte lá estava ele de novo esperando que a Lua mostrasse a localização do tesouro. Mas como da outra vez, a Lua não mostrou e, dessa vez, caiu uma chuva muito forte que escureceu tudo e o reflexo não refletiu sob a torre. Mais uma vez ele voltou para casa furioso por não conseguir ver o reflexo da lua na torre.

E assim se passaram sete ou oito dias de Lua cheia sem o meu tio conseguir localizar o que almejava. E, chegando em casa pela manhã sentado na escada que dava acesso à cozinha da casa, colocou a mão na cabeça e refletiu:

— Tem coisas que a natureza não quer que descubramos e devemos respeitá-las. Nem tudo é de posse do homem. E nela, cada ser vivo desempenha um papel importante. Então, quando a desrespeitamos, afetamos o equilíbrio, prejudicando sua forma de vida. A natureza é mãe, é vida e é ela que sabe do que precisamos para sobreviver.

VIDA E TRAJETÓRIA DE AROLDO E NAIR

Em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak (2012) fala sobre a possibilidade de adiar o fim do mundo por meio de uma contação de história, visto que, de certa forma, nós, como humanidade, já estamos em queda e é inevitável que o fim chegue, porém, segundo ele, é possível encontrar meios de utilizar um “paraquedas colorido”, ou seja, uma forma criativa de lidar com a queda. Assim, a contação de história teria esse poder de transformar um momento crítico da humanidade e do mundo em um processo mais significativo, adiando o que Krenak chama de fim do mundo.

Além disso, Daniel Munduruku (2009), em *O banquete dos deuses*, pontua a importância da valorização da ancestralidade, das raízes familiares e culturais, de forma que “para compreender a sociedade tradicional indígena, é preciso entender o papel da memória na organização da trama da vida” (p. 22), ou seja, a memória é o elemento que amarra e mantém o indivíduo na teia coletiva da existência. Dessa forma, as histórias compartilhadas capazes de adiar o fim do mundo podem ser as mesmas histórias que preservam, de algum modo, uma ancestralidade.

Com isso, pensemos no contexto do Brasil, em que a maioria da população atual é fruto da miscigenação ocorrida no período colonial, e em como também é necessário para essas pessoas retomar e rememorar sua ancestralidade. Quando penso sobre isso, lembro da frase do filme *Uma História de Amor e Fúria* (2013), que diz que “viver sem conhecer o passado é viver no escuro”, ou seja, o filme enfatiza,

com essa frase, a importância de conhecer o passado, tanto da sociedade como da própria gênese, a fim de vivenciar um presente mais consciente e, portanto, crítico. Essa frase se insere no contexto do protagonista, Abeguar - o guerreiro imortal, que reencarna continuamente em diferentes períodos históricos importantes do Brasil, como a invasão dos colonos, a Balaiada e a ditadura militar.

Essa animação conta um pouco sobre a história do Brasil, abrangendo diferentes sujeitos e manifestações que fizeram parte da construção cultural brasileira. A narrativa está baseada na trajetória de Abeguar, um indígena guerreiro Tupinambá, que precisa lutar contra a entidade Anhangá, personificado na figura do homem branco colonizador que traz destruição. Nas próximas vidas do protagonista e de Anhangá, a entidade toma outras formas, mas sempre representando a opressão exercida por um poder colonizador ou ditatorial.

Resumidamente, esse enredo nos remonta à necessidade de conhecer as nossas raízes e em manter viva a memória da ancestralidade brasileira, que abraça multiculturas, para nos salvarmos da alienação e da subjugação do outro. Em outras palavras, reforça a importância da memória da ancestralidade como uma forma de resistir.

Assim, percebo as aproximações que posso fazer do filme, das falas de Krenak (2020) e Daniel Munduruku (2009) com a minha ideia para adiar o fim do mundo: a história da vida e a trajetória dos meus avós paternos, Aroldo e Nair, que tiveram uma participação muito grande na minha criação e formação como pessoa.

Meu avô, Aroldo, nasceu em Minas Gerais, mas a família dele também se estendia pela Bahia e pelo Rio de Janeiro. Já minha avó, Nair, nasceu no Espírito Santo e era filha de italiano. Em algum momento, os dois se conheceram e decidiram que queriam ficar juntos. Minha avó era muito jovem quando foi morar na casa de uma senhora para dar aulas em Minas. Foi então que meu avô a conheceu e os dois passaram a se gostar. Mas o pai da minha avó não queria que os dois se casassem, porque ele, assim como minha avó, era branco e meu avô, negro. No entanto, isso não os impediu, fugiram juntos e se casaram às escondidas. A partir

disso, formaram família e tiveram quatro filhos, porém uma das filhas faleceu no parto.

Com o tempo, meu bisavô passou a aceitar a união dos dois. Com os filhos ainda pequenos, os dois decidiram se mudar para Rondônia, pois, na época, era o lugar que tinha melhores oportunidades de trabalho e, também, onde poderiam conseguir mais facilmente uma terra para morar, pois, onde estavam, enfrentavam muitas dificuldades financeiras. Assim, eles partiram de Minas Gerais para Porto Velho e, já no Norte, chegaram a morar em inúmeros lugares, inclusive no Baixo Madeira e, posteriormente, em Humaitá/AM. Foi então que enfrentaram a malária, muito recorrente naquela época e região.

Nesse período, meu avô tinha uma chácara onde ele havia começado a se instalar com a família, mas, por conta da doença, todos precisaram ir para a cidade se tratar. Ao voltarem, perceberam que a terra havia sido invadida por um homem cuja fama era de ambicioso e perigoso. Meu pai conta que esse momento foi marcante para ele, porque meu avô, diante dessa situação, não decidiu brigar pela terra, porque sabia que o problema só seria resolvido de uma maneira: com morte. Então, meu avô decidiu deixar as terras, indo em busca de um novo lugar para ficar.

Essa foi apenas uma das vezes em que precisaram se mudar. Meus avós, com meu pai e minhas tias, já moraram em vários lugares, fazendo missões e tentando encontrar um lugar para se fixar na vida, mas a verdade é que eram nômades. Apesar disso, a Região Norte se tornou um lar para eles e aqui puderam viver muitas experiências, eu digo aventuras. Quando chegaram aqui, viram o rio pela primeira vez e se assustaram com o cardume de jaraquis que se chocava contra o barco. Eles não imaginavam, mas o Rio Madeira seria seu companheiro de morada por muitos anos. Ao morarem na cidade, eles contribuíram para a formação de muitos bairros, com ocupação de terras, conheceram muitas pessoas e se tornaram familiares ao ambiente.

Quando estiveram em Humaitá/AM, meu avô também fez parte da construção da BR-319, a famosa Rodovia Álvaro Maia, que liga Porto Velho a

Manaus. Assim, foram, de certa forma, criando raízes e deixando uma parte de si em cada obra feita no território que passaram a amar.

Já na minha infância, eu lembro da casa em que eles moravam, onde eles permaneceram por mais tempo. Era uma casa de tijolos com piso queimado e telhado de quatro águas, que meu próprio avô construiu sozinho. Na frente da casa, tinha um pé de manga, plantado pelo meu avô, e atrás era um quintal bem grande cheio de plantas e árvores que dava em um igarapé. Infelizmente, esse igarapé já tinha se tornado um esgoto a céu aberto, mas me contavam muito sobre os tempos em que a água ali era cristalina onde podiam pescar bodó.

Meus avós contavam inúmeras histórias, anedotas e aventuras da própria vida, como essas experiências que relatei. Meu avô já viveu tantas coisas que não caberiam em apenas algumas palavras. Meus avós também ajudavam muitas pessoas e se tornaram referência de acolhimento e suporte. Com eles, aprendi que a vida pode ser incerta, mas enquanto tivermos uns aos outros, seremos capazes de recomeçar e refazer a vida onde quer que estejamos.

Essas experiências me fazem refletir muito sobre o conceito de se sentir em casa. Eu também cheguei a me mudar muitas vezes com meus pais e hoje é minha vez de sair em busca de um lar para criar raízes, mas, antes disso, aprendo a pertencer a mim mesma e às pessoas que me amam. Assim, eu sei que serei capaz de resistir e refazer a vida onde quer que eu vá, assim como meus avós, sabendo que irei respeitar e cuidar do lugar onde eu me estabelecer.

Apesar deles não estarem mais presentes fisicamente ao meu lado, eles permanecem vivos em mim, em meu pai, em minhas tias e em todos os parentes e amigos que puderam conviver com os dois. Eles permanecem sendo uma inspiração para mim todos os dias, adiando o fim do mundo para mim e para tantas pessoas que cruzaram seus caminhos.

O CURUPIRA E SUA SABEDORIA

As histórias e lendas que permeiam o mundo indígena fascinam quem lê, mas também causam indignação frente às tentativas de silenciamento dessas

histórias magníficas. Quanto mais eu lia, mais eu queria saber. Foi essa a sensação que tive após cada aula da disciplina Filosofia Ameríndia.

Repensar a vivência de como os povos indígenas vivem do cultivo, vivendo somente do que é o necessário, possibilitaria mudar o cenário de muitos problemas que estamos lidando nos dias atuais. Por exemplo, a falta de ar puro, de água potável, entre outros recursos naturais, que permeiam o campo da natureza.

O conto do Curupira me permite perceber o quanto estamos sendo egoístas e como não damos valor ao que temos. A vaidade, a desvalorização ou o simples prazer de sempre querer mais e mais, acaba por poluir não só a mente, mas o mundo ao qual estamos inseridos.

Adiar o fim do mundo requer olhar para o pouco, deixar essa ilusão de que nada está bom. Adiar o fim do mundo requer nos refazermos constantemente, em pensamentos e atitudes. É importante perceber que tudo o que temos é tirado da natureza, portanto, precisamos deixar nossas ambições de lado.

Na leitura de algumas das obras de Ailton, fiquei com todas essas ideias na cabeça, de que estamos ligados no 220v e acabamos esquecendo que, em um piscar de olhos, tudo isso pode se acabar e só restar aquilo que carregamos dentro de nós mesmos. Me refiro às ações que praticamos, a vida que levamos e os momentos vividos. E, sempre que me deparava com essas obras, eu me perguntava se a solução para os desafios que a humanidade enfrenta hoje seria viver como os indígenas vivem. Krenak traça uma discussão justamente sobre isso, a modernidade e as consequências que ela traz para o que é tradicional.

É importante que tenhamos consciência e uma certa criticidade quando partimos para o estudo do mundo, pois há, dentro dele, várias ramificações em que acabam por nos questionar o que de fato é o certo ou não. Com os contos, lendas e histórias colocadas pelo professor e a turma, pude me surpreender com tudo que ia descobrindo e obtive um contato com esse mundo, que era novo para mim. Vimos as diferentes formas de contar como se deu a criação.

As obras abriram os meus olhos para a forma em que os indígenas vivem e que poderíamos também viver. Ou seja, viver do próprio cultivo e criação. Talvez,

nos nossos dias atuais, precisamos olhar para essa simplicidade, para o que é necessário e não para o extraordinário.

Em todas as obras que tivemos contato, era notável a força da natureza e como deveríamos tratá-la para que ela se mantenha viva. E as lendas do caipora mostram justamente a visão que eu tinha em mente para a forma de adiar o fim do mundo. Em uma das lendas, há a do lenhador que tira da floresta somente o necessário e, quando alguém tira a mais do que precisa, há a punição da própria floresta e seus defensores.

Colocando para os nossos dias atuais, estamos tão obcecados em querer mais e ser mais que o outro. Agimos pela emoção, agredindo a natureza em suas diversas maneiras. Tirando mais e mais sem que haja um controle do que estamos fazendo. Tudo o que comemos, vestimos e utilizamos no nosso cotidiano são tirados da natureza, no entanto, não contribuimos para manter essa riqueza a qual tanto necessitamos para nos mantermos vivos.

Em outra versão do curupira, vemos um caçador que mata os animais somente por prazer, sem necessidade de se alimentar. E, ao olhar para o meio social, também nos deparamos com isso. Usamos roupas e produtos somente porque estão na moda, compramos sem se quer nos perguntarmos o processo que tal produto passou ou o tanto que agrediu a natureza para ser produzido. Isso tudo porque a vaidade e o egoísmo nos passam a visão de que precisamos estar sempre acima dos demais em questão de poder, de status, por meio do consumo.

Outra menção que pude tirar do conto do curupira é quando um lenhador tenta forçar o curupira a dar o que o lenhador deseja. Será que não colocamos a natureza nessa situação? Pois, temos tirado da natureza sem cuidar, uma vez que só se tira mais e mais. Será que com essa prática desmedida e ambiciosa não estamos forçando a natureza a dar a mais do que precisamos, sem que haja tempo para se recompor? Só que assim como na lenda, essa ação tem uma reação. E assim não acabamos por agredir ela, mas sim a nós mesmos.

Ouvir e aprender com a sabedoria do curupira, respeitar e tirar apenas o necessário da floresta é a forma de adiar o fim do mundo. O curupira, em sua figura

da floresta amazônica, acaba por mostrar a forma em que devemos cuidar da natureza. Seus contos nos permitem pensar a forma como tratamos a natureza e a forma como ela cobra isso da humanidade. A sabedoria dos povos tradicionais vem cheia de meios que nos ajudam a pensar em um mundo que podemos adiar o seu fim. Assim, não é somente o conto do curupira que nos mostra essa sabedoria, mas também tudo o que ouvimos dos povos, da sua ancestralidade, nos leva a refletir sobre tudo que estamos fazendo e da urgência em promover algo que retarde o nosso fim.

A EXPERIÊNCIA COM A DISCIPLINA DE FILOSOFIA AMERÍNDIA

Nas aulas da disciplina de Filosofia Ameríndia, conheci uma outra forma de pensar a respeito da origem das coisas, que não era mais o olhar ocidental a qual estamos habituados. Uma vez que, através de debates e leituras de livros, pudemos conhecer os mitos que explicam as origens de mundo e das coisas a qual conhecemos; de animais, alimentos, pessoas, rio e dentre outros numa cosmovisão indígena.

Nessa cosmovisão, a forma de ver e visualizar o mundo vai além da acumulação, ou seja, a forma de subsistência dos povos indígenas é o suficiente para se manter, e, de tudo produzem, se procuram em repor sem trazer danos à natureza a qual estão inseridos.

Foi através destes momentos em sala de aula que surgiu a ideia de pensar em adiar o fim do mundo de acordo com as leituras do autor Ailton Krenak, que propõe contar histórias como forma de reverter o colapso da natureza que estamos presenciando. Desse modo, trago aqui narrativas de histórias de vivências, que se aliam com as ideias de Ailton Krenak.

A ideia de contar histórias também se remete a você não esquecer sua identidade, ou seja, não esquecer sua ancestralidade, a raiz da qual você pertence. Diante da ideia de contar histórias, vou expor aqui algumas das quais minha mãe contava para mim e para os meus irmãos quando criança. Não só estas histórias, porém lembranças a qual também vivenciei quando criança e na vida adulta.



Lembro que minha mãe sempre contava a história de um conhecido dela, cujo filho desse colega tinha se transformado em curupira. Ela narra que o pai desse rapaz o tinha reconhecido, pois seu filho estava montado em cima de um porco do mato. Conta minha mãe que este rapaz sempre saía à noite para caçar, mas não fazia por necessidade e sim por diversão. A sua família tinha grandes posses. Diante disso, esta família foi atrás de benzedeiros que tivessem conhecimento a respeito desse lado místico, pois o rapaz já tinha se transformado em curupira.

Outra história que minha mãe sempre conta é em relação ao meu tio, pois, como eles conviviam em balsa, ele sempre gostava de sair para caçar, mas passava horas perdido na mata. Ele ouvia o barulho do animal, nesse caso, o porco do mato, e não o achava. Demorava a encontrar e meu tio passava dias perdido até que os irmãos de minha mãe o achavam. Eles viajam bastante, principalmente naquela época, no Urupiara. Com isso, minha mãe falou uma coisa que chamou minha atenção: “toda mata tem uma mãe.”

Ela narra também que existe a velha do cachimbo, que, exatamente às 12:00 horas, aparece para pegar crianças e aceita o tabaco em troca de não levá-las. Isso me lembra a história do curupira, contada em sala de aula, quando ele pede fogo para outro personagem na história.

Outro elemento que me chamou a atenção foi a fala de Daniel Munduruku quando cita no livro *O banquete dos deuses* que não existe um único fio que tece gaia, mas que todos os organismos que nela habita o compõe, ou seja, não existe um ser insignificante que faz parte de gaia que não contribui para algo, mas que nela tudo e todos que a compõe faz e que estes tecem esta linha que a constitui.

Outra fala de Daniel Munduruku que ouvi uma vez, e que achei fascinante, foi quando ele fala que o Brasil se comporta como um adolescente, pois não quer se aceitar e aceitar que o que o compõe são os indígenas e os negros. Fazendo relação com a disciplina é o que a gente fez em sala de aula, ou seja, conhecer e reconhecer um pouco de nossa ancestralidade através de histórias. De identificar estes elementos a qual também pertencemos e fazer a relação com a nossa vida prática também. A fala de um de nossos convidados nas aulas, o professor Gilfranco

Lucena, trouxe um pouco de sua história ancestral. Em outro encontro, a professora Danielle Munduruku contou de todo o processo de se aceitar e fazer parte de um grupo e essa sua contação foi muito gratificante.

Tem uma história que foi narrada em sala de aula a qual achei linda, que é sobre a origem da mancha na lua que, para os brancos, seria são Jorge lutando com o dragão. Porém, para alguns povos indígenas a origem se deu quando um índio se deitava na rede de uma moça toda a noite e esta não sabia quem era, certa noite ela pintou a mão de sumo/tinta do jenipapo e passou pelo corpo do desconhecido, e quando este encontrou com ela ficou tão envergonhado que se originou o sol e a lua, devido a isso a mancha na lua seria a tinta do jenipapo. Seria por isso que a lua nunca se encontrou com o sol quando é dia?

Ao ouvir a história que narra o encontro de um personagem com o curupira, uma colega de turma comentou que, ao entrarem na mata/floresta para caçar, alguns extraem o necessário para sua subsistência, porém, outros não. Um exemplo disso, presenciei em Humaitá - AM, no mês de setembro quando a água do Rio Madeira baixa e aparecem as pedras. Algumas pessoas deixaram os peixes que pescaram nas pedras, ou seja, pescaram por pescar e não por necessidade. Por isso, essa relação do curupira ser o guardião/espírito que protege a natureza.

Com isso, é possível conectar essas ideias às ideias de Ailton Krenak, que remete ao contexto de crítica frente aos que extraem e exploram deixando o ambiente doente. Krenak critica a extração e o consumo de forma exagerada, pois “você não pode comer dinheiro”, de fato, isso chamou minha atenção.

Nesse sentido, Krenak critica o consumo de forma exacerbada que resulta em danos. Muitas pessoas esquecem que tudo compõe a natureza e qualquer desequilíbrio nessa relação pode levar à eliminação, não apenas dos indígenas, mas de todos os que se chamam humanos. Apesar disso, certamente, os indígenas sentem mais profundamente as agressões cometidas contra a natureza. Os povos que preferem viver sem contato com a “civilização” são ameaçados por avanços do agronegócio e leva a morte a esses povos, a exemplo do que vimos em sala de aula

do documentário que apresentou os últimos remanescentes do povo Piripkura, pois, a exploração ilegal de territórios de origem os levou ao desaparecimento.

Em vista disso, é necessário pensarmos no tipo de humanidade que realmente somos para saber o que se entende por humanidade. Em outras palavras,

fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vive –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2020, p. 9 -10).

Se apropriar dessa fala de Krenak faz cogitar essa relação do indivíduo ao meio a qual convivemos e de como estamos tratando a nossa casa e a relação com o outro. A ideia de que estamos evoluindo no sentido de consumir/construir prédios, casas, armas químicas cada vez mais avançadas e de que tudo é a evolução da humanidade, não está trazendo algo positivo.

Outra ideia a qual pude refletir para adiar o fim do mundo foi o não comer carne, que não se reduz apenas ao simples fato de ser uma dieta. Vai além disso, pois, se as indústrias de carnes são o que são hoje, há realmente a necessidade de explorar de forma que eles realmente necessitam?

Os indígenas extraem sem prejudicar o meio ao qual estão inseridos. Por isso, há um certo tempo me motivei a parar de comer carne, pelo fato de ser cruel e desnecessário matar uma vida para saciar a nossa fome. De certa forma, penso que não vou mudar o mundo, mas com essa escolha pessoal, e talvez um tanto radical, penso que posso viver, nem melhor ou pior, mas de forma mais empática.

Assim sendo, estes relatos e ideias as quais associei com o pensar de Ailton Krenak, despertado pela minha experiência na disciplina de Filosofia Ameríndia, me permitiu pensar em ideias para adiar o fim do mundo, como proposta de contar histórias e também de manter a memória afetiva, de construir/constituir uma identidade de onde um sujeito faz parte. Em outras palavras, pensar em contar também uma autêntica narrativa, ou seja, sermos protagonistas de nossas próprias

narrativas, como nas falas de Daniel Munduruku no que diz respeito que cada ser é um fio que constitui gaia e que somos um só que a compõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros em forma de roda de conversa, que foi a forma como disponibilizamos a sala de aula da disciplina Filosofia Ameríndia, permitiu uma conexão maior uns com os outros, ouvindo diretamente as experiências dos colegas. O conhecer como experiência de pensamento sobre cosmovisão indígena com suas historiografias através dos mitos, os traços e costumes culturais, fez preencher muitas lacunas que parecia haver entre os participantes da disciplina. Destaca-se que a sabedoria de ouvir e manter a relação com a natureza é a característica que mais se pode observar nas obras estudadas.

Relacionar tudo isso com a sociedade a qual estamos inseridos atualmente permite-nos questionar se vale a pena viver no mundo a qual estamos criando uma forma de “clube de humanidade” que expulsa o ser humano dela ou o coloca como superior. Onde o que prevalece não é a coletividade e respeito pela natureza, mas a destruição de tradições.

O mundo em que estamos inseridos está passando por grandes desafios. Esse desafio nos faz questionar tudo o que estamos fazendo e em que medida essa busca por dinheiro e bens materiais nos faz reféns, deixando de lado o que de fato nos torna humanos. Krenak nos propõe uma ideia para criar um paraquedas que nos ajude a cair e não despencar de vez.

Assim, a disciplina de Filosofia Ameríndia e suas contações filosóficas dos saberes indígenas foi essencial para contribuir na reflexão sobre como adiar o fim do mundo por meio da Educação e da valorização de uma experiência de pensamento que considere nossas raízes ancestrais.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Editora Autonomia literária, 2016.

CORREA, Célia Nunes. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada/**, Célia Nunes Correa Xakriabá. Brasília – DF, 2018. 218 p.

BANIWA, Gerssem dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf Acesso em 10/11/2023.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** São Paulo: Global, 2010.

GONZAGA, Álvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena.** São Paulo: Matrioska Editora, 2021.

INTERNACIONAL DA AMAZÔNIA. **Resenha – Uma História de Amor e Fúria (2013).**

(2021). Disponível em:

<https://internacionaldaamazonia.com/2021/06/05/resenha-uma-historia-de-amor-e-furia-2013/> Acesso em: 05 nov 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: uma conversa sobre a origem da cultura brasileira.** Ilustrações Maurício Negro. 2 ed. São Paulo: Global, 2009.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** Org: Rita Carelli. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu.** Palavras de um xamã yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SMITH, Linda Tuhawi. **Descolonizando metodologias: pesquisas e povos indígenas.** Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Luiz Bolognesi, Laís Bodanzky, Caio Gullane, Marcos Barreto, Fabiano Gullane, Débora Ivanov, Gabriel Lacerda. Brasil: Netflix, 2013. Mídia Digital.



CRIAR EDUCAÇÃO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC



Unalce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452